economia

DANIEL TEIXEIRA/AE/JC



Desde o início das conversas, investidores exigiram uma injeção de capital na empresa por parte de seus acionistas

Braskem fecha acordo de US$ 4,9 bilhões com credores

Para evitar a recuperação judicial, Petrobras aceitou aporte de US$ 1,3 bilhão

/ PETROQUÍMICA

A Braskem conseguiu, ontem, adesão de mais de 50% de seus credores para entregar um plano de recuperação extrajudicial à Justiça, envolvendo a reestruturação de dívidas de pouco mais de US$ 11 bilhões. Para evitar um caminho pior, da recuperação judicial, a Petrobras, maior acionista individual da petroquímica, teve de concordar com um aporte de US$ 1,3 bilhão na Braskem, e os credores, em converter R$ 3,6 bilhões, de acordo com pessoas próximas às negociações, que foram intensas nos últimos dias. O acordo foi fechado na manhã desta segunda-feira.

O resultado do aporte e da conversão será uma capitalização total de US$ 4,9 bilhões na petroquímica, que restará com uma dívida de cerca de US$ 7 bilhões. Essa dívida terá carência de juros até 2028 e de principal até 2028.

Pessoas a par do assunto disseram ainda que a capitalização será feita por aumento de capital e que as autorizações regulatórias serão encaminhadas à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e à Securities and Exchange Commission (SEC) em até 60 dias.

A posição de controle, assim como o acordo de acionistas firmado entre a IG4, que representa o FIP Shine, detentor das ações de controle, e a Petrobras, serão mantidos. "Os credores não vão exercer os direitos políticos e vão respeitar a governança e a manutenção do bloco de controle, além de aderir ao acordo de acionistas em vigor", afirmou uma pessoa com conhecimento das discussões.

O aporte da Petrobras foi o principal embate entre a companhia e seus credores externos (bondholders), detentores de US$ 7 bilhões das dívidas, durante vários meses, inclusive os que antecederam o pedido de recuperação extrajudicial feito em 24 de agosto.

Desde o início das conversas, os bondholders exigiram uma injeção de capital na Braskem, por parte de seus acionistas, essencialmente a Petrobras. Foi com essa promessa que a Braskem conseguiu a adesão de 39,6% dos créditos sujeitos à renegociação para emplacar o pedido na Justiça em agosto.

Os negociadores da IG4, por sua vez, descartavam qualquer aporte e pediam "um tempo". Ao menos cinco anos de carência de juros e principal para que a Braskem gerasse receita, a partir de transformações operacionais, como a substituição da nafta por gás como matéria-prima mais barata, e sinergias com a Petrobras.

Mas não colou: os bondholders colocaram pressão, reuniram-se com a Petrobras e conseguiram arrancar um compromisso de capitalização. O grupo de bondholders, além de grande, é diverso, com investidores institucionais grandes, que são investidores também da Petrobrás.

O maior embate ocorreu com a gestora Elliot, especializada na aquisição de títulos de dívida distress, visando ganho a partir da recuperação de preço com a reestruturação da empresa. Segundo uma pessoa que acompanha o assunto, o acordo teve adesão majoritariamente dos bondholders, incluindo o fundo Elliot.

Nesse meio tempo, a subsidiária mexicana, a Braskem Idesa, entrou com um pedido de recuperação judicial nos Estados Unidos, o Chapter 11.

A Braskem se comprometeu a colocar US$ 476 milhões na Braskem Idesa, grande parte já feito, restando pouco mais de US$ 70 milhões que viraram alvo de disputa entre a Braskem e bondholders.

Segundo pessoas familiarizadas com o tema, esse assunto foi pacificado, como meio do acordo feito agora, e o Chapter 11 da Braskem Idesa segue em andamento.

Fegime inicia operação no Brasil com empresa gaúcha entre as idealizadoras

/ INDÚSTRIA

Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

A rede internacional de distribuidores independentes de materiais elétricos Fegime inicia neste mês de novembro sua operação no Brasil, com a proposta de dar escala a empresas do setor, especialmente negócios familiares, sem adquiri-las nem centralizar sua gestão. Entre as idealizadoras, está a Plenobras, com sede em Porto Alegre, que se uniu às empresas Elétrica Bahiana, Eletro Transol, Multfer e PJNeblina em março para constituir a Fegime Brasil, após aprovação na Assembleia Geral da rede, em Paris. Juntas, as cinco marcas possuem faturamento consolidado de aproximadamente R$ 2 bilhões.

"A Fegime atua em 30 países, com mais de 160 membros. Na Argentina, por exemplo, está há sete anos, com 21 distribuidores independentes e participação do mercado de 51%. E o Brasil é protagonista para a expansão desses negócios da Fegime na América Latina. As cinco empresas foram escolhidas por região, para representar todas as partes do País. No futuro, devem entrar outros distribuidores para essas regiões", explica o presidente da Fegime Brasil e CEO da PJNeblina, Marcos Sutiro.

E o mercado do Sul é considerado estratégico pelo diretor comercial da Plenobras, Leonardo Salles: "Tem todo o agronegócio e uma série de indústrias. É uma parte muito importante do Brasil. Traremos soluções para contribuir com isso. Sabemos o que estamos fazendo e o quanto Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul são relevantes no cenário econômico brasileiro. E o que a gente quer trazer é o que tem de melhor no mundo para o Rio Grande do Sul, para o Sul do Brasil e para o Brasil todo", acrescenta.

Na prática, a Fegime busca fortalecer os distribuidores com negociações conjuntas, acordos internacionais e relacionamento com fabricantes, e cada associada mantém propriedade, gestão e marca. O formato também visa ajudar as famílias empresárias em desafios além do comercial: profissionalizar a gestão, preparar novas lideranças, conduzir a sucessão entre gerações e acompanhar as mudanças tecnológicas. "Estamos diante de um cenário em que sabemos que temos uma enxurrada de veículos elétricos entrando no mercado. A infraestrutura energética toda tem que ser preparada para comportar essas inúmeras inovações que estão acontecendo", avalia Salles.

